



Caminho a manhã

Fabio Rocha



Copyright © 2002 por Fabio Rocha

Registro EDA – Biblioteca Nacional

Nome(s) do(s)	FÁBIO JOSÉ ALFREDO SANTOS DA ROCHA
Autor(es):	
Título da Obra:	CAMINHO A MANHÃ
No. Registro da Obra:	273656
Livro:	492
Folha:	316
Data de Registro:	13/11/2002
Gênero da Obra:	POESIA
Obra Publicada:	Não

Título original: Caminho a manhã

Editoração eletrônica: Fabio Rocha

Endereço eletrônico:

<http://www.fabiorocha.com.br>

ÍNDICE

1. *Capa*
2. *Dados*
3. *Índice*
4. *Índice (continuação)*
5. *Prefácio - Rodolfo Muanis*
6. *Citação*
7. HEGEMONIA – O LEGADO
8. CINZA, SENTIMENTO CELESTE
9. TEMA: O TEMPO TEIMA
10. TREVAS
11. EU
12. AUTO-RETRATO
13. ENCONTRO
14. PARABÉNS
15. LONGE, LONGE
16. LONGE, LONGE (*continuação*)
17. NÃO FALAR
18. SOLUÇÃO
19. QUASE
20. PRECONCEITO
21. ROCK AND ROLL
22. SÓ NADA
23. IDADE DAS TREVAS
24. INSETO
25. CAMINHO
26. ACIDENTADO
27. A MARCA DA AMARGA AMADA ALÉM
28. PAPEL
29. ANSIEDADE
30. PÓS-FÁCIL
31. ESTRATÉGIA SILENCIOSA
32. REPETECO
33. PACTO
34. TURBILHÃO
35. SEIS – CORREDOR
36. APÓCRIFO-GNÓSTICO-HOMEOPÁTICO
37. CRISÁLIDA DE CARNE
38. USA (trova)
39. TROVÃO (trova)
40. MOTIVO
41. COR
42. CENA
43. PASSAGEIRO
44. NOITE
45. BRILHEM, DIAMANTES LOUCOS
46. CAIXÃO
47. CRÊ-SER
48. TARDE DEMAIS

49. CAIXOTE
50. IDÉIA FIXA
51. INSÔNIA
52. ESCORT
53. PAZ
54. PECADO CAPITAL
55. PRÉ-CINEMA
56. DA IRA
57. DE(S)GRAÇA
58. SACADA
59. TARDE
60. QUASE SONHO
61. SOFRER
62. PARAFUSO
63. GEMINI
64. BAIXO
65. POETRIX DO ABANDONO
66. DOR OU VIDA
67. MEMORANDO AZUL AOS IRMÃOS DO CHÃO
68. VIRTUAL
69. ESTACIONAMENTO DAS TREVAS
70. BOM
71. POETETRIX
72. TAMBÉM JOSÉ
73. TAMBÉM JOSÉ (*continuação*)
74. TAMBÉM JOSÉ (*continuação*)
75. TAMBÉM JOSÉ (*continuação*)
76. TAMBÉM JOSÉ (*continuação*)
77. *Biografia*
78. *Fortuna Crítica*
79. *Contato*

Prefácio

Fabio Rocha é na poesia contemporânea um fabuloso exemplo de como podemos encurtar o verso sem perder a poesia. Com seu incrível poder de síntese, vai sugando nos dias que correm as metáforas que passam despercebidas aos olhos daqueles que não param para observar um pouco além do óbvio.

Entre a política e o amor, vai deixando o seu legado poético repleto de fortes mensagens, que mereciam ser repetidas ao microfone em alto e bom som. Por vezes romântico, por vezes panfletário. Seu Auto-Retrato como ele mesmo define é incapaz de decifrá-lo (*Nas ruas / sou sério / calado / careca. / Na Internet, / sou poeta*). É exatamente assim que conhecemos Fabio numa primeira conversa, para só depois descobrir que quando ele diz *poeta* não é mera brincadeira, tão comum no meio virtual. Autor de 4 e-books e um primeiro livro pela editora Papel & Virtual, a palavra *poeta* é como uma respiração ofegante que o acompanha no dia-a-dia. Por vezes sério como Drummond (*O silêncio salta / faz piruetas e dança, invisível / pelo espaço intransponível / que separa eu de mim.*), por vezes repleto de humor como um Veríssimo (*Eu não vou falar de mulher. / Olha a seleção / e os problemas de ereção / do Pelé...*).

Ler os seus poemas é mergulhar no universo da poesia e da música clássica para poder compreender a grandeza das imagens que cria em seus versos. É querer saber quem são estas tantas mulheres que atravessam sua vida fazendo-o negar as próprias metáforas (*Estou farto / de usar as mesmas metáforas / pra falar das mesmas dores... / Quero dores novas!*).

Assassino e inquieto, Fabio é incapaz de calar seu verso a qualquer simples aberração que reprove na televisão. E sua arma para cometer o crime é nada mais que um lápis, uma caneta, um teclado. O poeta revoltado joga na cara do povo sua medíocre condição humana (*Domingo só tem babaca / fazendo programa / pra babaca assistir / na tv.*). Deste modo segue Fabio Rocha, caminhando a manhã e criando asas nos seus leitores para que estes possam cada dia ir mais longe, assim como ele está indo com a sua poesia.

Rodolfo Muanis, Outubro de 2002

“O melhor caminho é o do meio.”

Príncipe Sidarta (Primeiro Buda)

HEGEMONIA – O LEGADO

Seguindo a cartilha neoliberal
global-estadunidense
chegamos na beira da Argentina
ou no quase fascismo...

O privado é público,
o público é privado
e o Estado é privada...

Eis a simples missão
de nossa geração:

Estatizar o Estado,
consumir o consumismo,
democratizar a Democracia
e reviver a vida.

22/5/02

CINZA, SENTIMENTO CELESTE

A chuva lá fora
chora tudo
que não choro.

22/5/02

TEMA: O TEMPO TEIMA

Cadê o ócio antigo,
o ócio amigo?

O companheiro
caseiro
que me ajudou
a ser o ser
que não sou,
que não sente...

Que gosta
de pouca coisa
de pouca gente...

Que gosta
pouco...

E hoje,
louco,
teme a solidão.

Eu, especialista em tempo de sobra,
quase quero uma multinacional
pra trabalhar (quase...)
ou algo para beber (se gostasse de beber...).

Ah, esquecer... esquecer...
tudo o que não fiz.

E amanhã?
Entrarei novamente (com essa mente antiga)
no consultório da terapia (tortura!)
sem saber quem vai sair.

22/5/02

TREVAS

Eu caminho pela noite
parado.

Procuro o amor, o grande motivo para a vida
sem saber amar.

Se trouxesse comigo uma lanterna
seria um seriado americano.

Mas sou brasileiro
e adoro Big Mac.

Então, olho o céu e sigo
cego.

26/5/02

EU

Banana
que não me encaixo
nem em cacho
de banana.

29/5/02

AUTO-RETRATO

Nas ruas
sou sério
calado
careca.

Na internet,
sou poeta.

29/5/02

ENCONTRO

Quando faço as pazes
com o silêncio,
sinto melhor o verde,
os pássaros brancos
e borboletas laranjas.

Vejo o sol
e basta.

Quando consigo
esquecer da busca,
encontro.

31/5/02

PARABÉNS

Vinte e seis invernos.

Ainda
não entendi bem
a beleza triste de Bandeira.
Só as tristezas belas
de Beethoven.

Ainda
não reconheço
minha imagem refletida
na distorção da vida.

E ainda me lembro saudoso
da época mágica
em que usava capa de fralda,
corria, brincava, sorria...
quando tinha medo, chorava:

Tudo se resolvia
melhor do que hoje em dia.

(E por não tentar
saber o que era o amor,
amava.)

3/6/02

LONGE, LONGE

Para Drummond

Ando, ando...

Bancos vazios
em corredores soturnos.

Prédios noturnos
me observam calados.

Rostos, vozes
tudo, tudo
longe, longe...

O silêncio salta
faz piruetas e dança, invisível
pelo espaço intransponível
que separa eu de mim.

Não ouço meus passos
mas não importa
pois nem eu nem cada porta
por que passo
compreende esse trajeto.

Seguro
com as estrelas
o peso dos véus,
do escuro
e da ausência
inadmissível
intocável
intransponível
inassimilável.

O vento venta
mas venta pouco.

Quem dera a paz...
Ventasse mais...
Ventasse mais!

E expulsasse
de minha mente enfumaçada
as centopéias indecifráveis
que me fazem não achar.

UERJ - 6/6/02

NÃO FALAR

Eu não vou falar de mulher.
Olha a seleção
e os problemas de ereção
do Pelé...

Eu não vou falar de mulher.
Quero saber da novela
e se o clone fica com ela...

Eu não vou falar de mulher.
Não quero isso
nem o Thyrsó.

Eu não vou falar de mulher.
Vou ficar sozinho
assistindo o Ronaldinho
correndo, correndo...

Como corro de mim.

7/6/02

SOLUÇÃO

Quero endorfina na veia
ou conseguir amar
uma mulher feia.

7/6/02

QUASE

A loucura me chama
chama tão próxima
que quase queimo.

7/6/02

PRECONCEITO

Das boates, safadas...
Da net, desesperadas...

Onde vou achar
Mulheres com objetivos
sem adjetivos?

7/6/02

ROCK AND ROLL

O silêncio de Anne
me Natalie embrulha
com papel celofane
o estômago
de raiva
de minha
infantilidade.

Ira é o fim
de todas essas poucas semi-relações que quase vivo
com altas, alvas, magras, de cabelos negros
e nomes começando pelo início do alfabeto.

Alva e pura.
Alva e pura...
Alva e pura?
Alva impura!
(Impuro de mim!)

Quem disse
que a vida
não é complicada?

Que sorte
não ter
uma espada...

7/6/02

SÓ NADA

Parem os violinos!
Detenham os pianos!
Minhas lágrimas não caem...

20/6/02

IDADE DAS TREVAS

Para José Saramago

Havia luz
na escuridão.

Pois as pessoas
diziam não
pro chefão, pro ladrão
e para elas mesmas.

Esquecemos hoje
que ninguém
tem que querer
fazer o que não quer.

Mas o que se quer?

- Compre batom.

24/6/02

INSETO

Para A.

Já perdi as contas
dos sonetos que li
de Neruda.

E continuo
incerto
quanto ao amor e ao âmbar.

27/6/02

CAMINHO

Eu vou adiante
da prisão megalópole industrial.

Vou ganhando terreno
baldio, maldito, sozinho...

Vou desconhecendo
mais e mais
a tudo, a todos, a mim
a desbotar no cinza.

Eu vou,
pois quem fica,
foge.

2/7/02

ACIDENTADO

Para Vanessa

Antes que aumente o estrago,
vai, segue a estrada...

Deixa-me com esse tórax estagnado
que só consegue sentir dor, mais nada.

3/7/02

A MARCA DA AMARGA AMADA ALÉM

Minhamada além
é quem?

Além daqui...
lá, lá, lá no lar
de não sei quem
dorme possivelmente
(cansada de procurar)
minhamada além.

Poderia ser Madalena
mas e a rima do poema?

Minhamada além
é quem?

Ah, se eu soubesse amar...
Ah, se eu soubesse achar...

É acima
avante
adiante
além além além...

Na noite escura
é a estrela de grandeza dura
que não vem.

7/7/02

PAPEL

De todo o silêncio
ouço só o esplêndido
silêncio das árvores.

Pois o silêncio de quem fala
e cala
é incompleto.

Por isso, ouço o silêncio
distante
das árvores que nunca vi.

8/7/02

ANSIEDADE

Entre triste e agitado
descansa correndo
o meu estado
sonolento.

Lá fora faz sol,
mas não abro o livro
porque está gelado
porque está fechado
porque está querendo?

Leio sem ler,
vejo sem ver
mas não sou cego
de nascer.

Corre, estado
corre confuso
corre obtuso
corre parado.

Corre, ruim!
Pois com sorte
ou com morte
chegarás a mim.

16/7/02

PÓS-FÁCIL

Para Elaine Pauvolid

Aliás,
ver você
poeta e musa
musa e poeta
de vermelho...

Aliás,
ler você
entregue ao trago
(cheio de um estilo estranhamente reconhecível)
perdida e achada,
pichando meus muros
nos domingos sozinhos,
afugentando a felicidade,
completa, repleta e secreta
com borboletas, letras e pássaros artesanais,
Deuses infernais
e querendo aprender a mentir...

Me fez sorrir
por todo o longo caminho
de volta, sozinho.

(Pois me vi
em ti.)

16/7/02

ESTRATÉGIA SILENCIOSA

Para vencer
minha luta interna
não fujo mais:
alongo os dias
fazendo nada.

E o nada
que faço
me aproxima.

17/7/02

REPETECO

Estou farto
de usar as mesmas metáforas
pra falar das mesmas dores...

Quero dores novas!

17/7/02

PACTO

Como posso
declamar
um poema
sobre o silêncio?

17/7/02

TURBILHÃO

Já conheci
as várias máscaras da solidão
sobre a face imutável
do silêncio.

Resta-me o sonho
do som
espeliágico
que me mostre
a mim.

20/7/02

SEIS - CORREDOR

No frio,
o verde é mais claro.

E a estrada segue
o caminho de cruces brancas
dos atropelados.

Mulheres conversam
no banco de trás:
“Ele era educado, bom caráter, estudioso,
mas...”

Rio / Belo Horizonte - 21/7/02

APÓCRIFO-GNÓSTICO-HOMEOPÁTICO

“Vós sois Deuses.” – Jesus Cristo

Sim, eu sou o sal
e levo a chama
(na mão que escreve).

Por isso,
busco.

Já notei
a crise de identidade
de Jeová,

a distância
de Deus
da Igreja

e o prazer
de beber suco de manga
sem cereja.

Também já sei
que é em mim
que encontrarei.

(Assim como vós.)

Quem tiver olhos,
que leia.

Belo Horizonte - 25/7/02

CRISÁLIDA DE CARNE

Quase tonto
quase tento
sair.

Só não sei como
rasgar o que sou
sem ferir.

28/7/02

USA

E por não ter conseguido
o que foi muito tentado,
foi o pobre perseguido
e o bandido, exaltado.

28/7/02

TROVÃO

Tudo comigo é difícil
porque tenho essa mania
de querer que o impossível
rimasse com poesia.

28/7/02

MOTIVO

Eu não vou cantar
que o mundo é belo
e a vida é alegria.

Mas
se pudéssemos sonhar
ajudaria.

7/8/02

COR

Sonhei
que escrevia
um poema.

E acordei
em branco.

7/8/02

CENA

Ele entrou
lambeu meus pés
e se foi.

Deixou silêncio
lembranças
e impaciência
sobre a cama.

Ele entrou
lambeu meus pés
e se foi.

Saiu com a calma
de quem quer
ficar.

Ele entrou
lambeu meus pés
e se foi.

Como um cão
em comunhão
com a distância.

11/8/02

PASSAGEIRO

Queria ir,
ficando...

Queria o porvir,
saudoso...

Dentre tantos,
entro justo no trem
dos entretantos.

12/8/02

NOITE

A noite é escura
demais.

Preciso de espaçonaves alienígenas,
preciso de Platão, de Aristóteles, de Pitágoras, de Drummond...
preciso de um Deus
melhor.

Preciso ser.

13/8/02

BRILHEM, DIAMANTES LOUCOS

Para Fábio e Eduardo

Pink Floyd
fez o quarto vibrar
a alma gritar
e o cachorro latir.

Sim, eu estive
preso
na máquina, na jaula, na cela, na aula, na alma, no muro!
(Mas não comprei guitarra...)

Sim, eu também senti
o peso da reprovação silenciosa
rachar o gelo sob meus pés.
(E afundando eu sonhava em voar com patins...)

Sim, eu também tenho pai!
Sim, eu também tenho mãe!
Sim, eu também tenho ai!

- Prisioneiro pego mostrando sentimentos!!!

Agora me ouço
desenterrando a luz.

15/8/02

CAIXÃO

A Roger Waters

Eu queria comprar
uma caixa grande
pra ter onde colocar
(em ordem alfabética)
as cartas de amor, as fotos, os presentes
e a dor
de minhas três
ex-namoradas.

Eu queria comprar
uma grande caixa
para morar
bem longe, sozinho, longe, sozinho e longe...

Eu queria comprar
um gigantesco cadeado
(dourado, imenso, intenso e mágico)
para fechar pra sempre
e não querer abrir.

15/8/02

CRÊ-SER

Quando parei
de imaginar o vento
pude senti-lo.

Aquilo
me fez
desculpar
os anjos.

Marmanjo
percebi a gaiola.

E agora
abro as asas
sem véu.

Pois o céu
não é sonho.

16/8/02

TARDE DEMAIS

O som do céu é surdo.

O azul, absurdo.

Absorto,

observo a borboletra farfalhar:

o ar, o ar, o ar.

19/8/02

CAIXOTE

Perdido estou.
Perdido vou ficar.

Não há tempo
(nem vontade)
pra me achar
na vida.

Então,
o desencaixe
me encaixa
na arte.

21/8/02

IDÉIA FIXA

Hoje eu vou fazer um poema.

Não importa a desvontade
não importa a minha idade
não importa a vida torta
não importa a realidade
não importa, não importa...

Hoje eu vou fazer um poema.

23/8/02

INSÔNIA

Tem um morto
varrendo a lua lá no céu
sobre o espelho d'água
que reflete o nosso brilho.

É um morto lento
e silencioso.

Morto de nuvens
e sonhos
escuros
dos vivos
que reluzem
cá embaixo.

23/8/02

ESCORT

Era um maldito carro vermelho estacionado
(da época em que o meu era azul)
que me buzina, fantasmagórico
o que eu devia ou não ter escrito, sido e falado.

Que mudei ao querer mudar,
agir pouco e errado
e fazer um poema pra compensar?

Havia uma sombra no carro...
Havia uma sombra no carro...
Havia uma sombra no carro...

E no meio de mim,
a vontade de não seguir caminho
e mandar um e-mail depois, de noite, despreocupado.

Sou especialista em fuga: prendam-me.

3/9/02

PAZ

Não há voz
discurso
ou tiro
que valha a pena.

O silêncio,
navio gigante,
viaja constante
e vence o poema.

3/9/02

PECADO CAPITAL

É lá da terra inumana
do assassino eleito por ladrões
onde há um ano
os prédios comiam aviões...

É lá da terra infeliz
que vêm as bombas de ódio
que hoje matam civis
porque seu país tem petróleo.

É lá da terra inumana
berço da globalização
onde não importam nem banana
que as multinacionais ganham nosso pão.

É lá na terra da besteira
que, por medo do fogo, papéis
farão árvore virar madeira
na beira do Rio +10.

7/9/02

PRÉ-CINEMA

Em que equação
ficou perdida
a minha mente?

Que que eu vou fazer
lá longe
nesse frio
num domingo
com ELA?

Estou com medo?
Estou com medo?!
Estou com medo.

Corre, Fabio...
Não tens espadas, asas ou poderes
mas deveres
por fazer
e dúvidas
para não resolver.

8/9/02

DA IRA

O telefone não tocou.

Domingo só tem babaca
fazendo programa
pra babaca assistir
na tv.

Como está chovendo,
vejo um ser humano
tocando gaita com o nariz
consciente da babaquice.

Obrigado, Senhor
por não haver
lança-chamas
à mão.

Deixa queimando
só meu pulmão
estômago
e outros órgãos
sem rima...

Enquanto eu
em minha cama macia
não reflito
sobre a eleição,
sem o telefone tocar,
ouvindo a maldita gaita
e tentando entender
a vaca louca.

(Ah, se eu fosse serial-killer
já sabia quem matar...)

8/9/02

DE(S)GRAÇA

Nem mais um poema...

Dentro do estagnado silêncio,
ausência
de tema...

Nem mais um poema...

Que falar do verme
que falar pro verme
roendo meus versos
e minha epiderme?

Nem mais um poema...

9/9/02

SACADA

Eis-me aqui
tão elevado...

Tragando a solidão
e o vento gelado...

Desejando ser
menos lido
e mais beijado.

UERJ - 10/9/02

TARDE

Os filhos do sonho
são almas de reis

que adentram os trens
em vapores e silêncios.

Sentem as pessoas
voltando pra casa
com olhos no nada

e despertam no hoje
o afã de realizar
um amanhã.

13/9/02

QUASE SONHO

Quando o helicóptero
bateu no vocabulário
em pleno corolário
despedaçou-se o abecedário
e choveram letras incendiárias.

13/9/02

SOFRER

Preciso de
estrume
pro poema
florescer.

13/9/02

PARAFUSO

Enrosco-me
no gosto
de não gostar
gostando
ou gostar
não gostando
até que...

(tec)

me prendo ou quebro.

13/9/02

GEMINI

Ao Moska

Quem me separou
de mim?

Ergo e destruo pontes
erro aos montes
luto-me esgrima
me me afasto
do que nos aproxima.

Cortes múltiplos
mortes súbitas
fendas, muros e murros
sabedoria de burros...

Em dia nenhum
dois serão
um.

13/9/02

BAIXO

Destampem os ouvidos:
eu não vou gritar meus poemas.
Não quero crescer assim minhas certezas.
(Elas são pequenas e tímidas como eu.)

Nem farei piruetas,
ou virarei cambalhotas
para compensar as alegorias poucas dos versos
e as alegrias poucas da vida.

Minha poesia tem vergonha
de acordar o sonho do silêncio.

17/9/02

POETRIX DO ABANDONO

Sim, estou só
e é só por isso
que escrevo.

18/9/02

DOR OU VIDA

Isso, deita
e dorme
que vai passar.

18/9/02

MEMORANDO AZUL AOS IRMÃOS DO CHÃO

A Rodolfo Muanis

Se houvesse asas
abraçaríamos mais largo o mundo
com as pernas
e socaríamos o imundo
com a sola dos pés.

Se houvesse asas
menos medo
menos posse
menos guerra
mais beleza
mais leveza
mais certeza...

Há de haver.

22/9/02

VIRTUAL

O poeta tecla
o teclado
na tela
e clica.

O poema
viaja
transforma
deforma
e se forma
em quem lê.

25/9/02

ESTACIONAMENTO DAS TREVAS

Para Anne

Quando vejo
de novo
esse carro,
concordo:

O beijo
é mesmo
a véspera
do esgarço.

26/9/02

BOM

Chamam de arte
esse desabafo,
esse alívio.

Chamam de poesia
essa brincadeira,
esse prazer
de jogar
consigo mesmo.

De pensar vermelho,
escrever azul
e redescobrir o arco-íris...

30/9/02

POETETRIX

Meu cabelo cresce,
minhas unhas crescem,
minha barba, insistentemente, cresce
e eu não cresço.

23/10/02

TAMBÉM JOSÉ

A Drummond

I.

Vivemos no concreto
sem comer nada natural
sem beber nada natural
sem ser natural
e querendo preservar a natureza...

Sempre sou se saio de casaco.
(Se não uso, sinto frio...)
E, com vergonha de tirá-lo,
quase pingo e assobio.

Mas dentro
de minha casa
não dá pra ver a rua.

Só a lua:
deserto flictz na escuridão do espaço.
E sinto então a tal ausência tua...

Viva a modernidade!
Comprei um celular
para quando eu sair
ser ferido diariamente
com seu não-tocar.

A arte de amar ainda está longe...
Mas já sei procurar no longe
para poder não achar.

Não tenho enzimas
para assimilar
a falta:

Se hoje beijo
e amanhã não beijo
já sei que a segunda-feira
não será a mesma.

É, também sou José,
calvo e míope,
avesso a multidões
curvado, orgulhoso
e sozinho com meus botões...

Mas quero asas e luz
quero ser o centro das atenções
quero ser amado nas vastidões...

- Quero?

Queria querer as coisas simples,
que também não tenho...

No fundo,
o que parecia vôo,
era o sonho
da borboleta
presa
na teia
atrás
da tela.

(Constato
que passei a vida
tentando ser
e não ser
Drummond.)

II.

Eu te amaldiçôo!

Te condeno
a assistir com pressa
atrás de cimento, tijolos e grades
num canto, numa quina decorada
através duma tela crua
a vida na esquina,
para fugir da tua.

Eu te proíbo a estrada!

Crerás em anjos e gnomos, mas
te a-c-o-s-t-u-m-a-r-á-s
e não farás nada
contra tanta morte, fome, roubo
e toda sorte de coisa errada.

Te habituarás também
ao canto dos poucos pássaros restantes
na cidade grande
e, assim, deixarás de ouvi-los.

Respirarás o poluído ar
que uma máquina te condiciona
e a regularás, sorrindo
contente por controlar algo em teu destino.

O sol nascendo
ou morrendo
nem imaginarás.
(não haverá tempo...)

Os poucos amigos
que não te traírem
sairão de tua vida.

Erguerás muros,
onde deverias abrir portas
e pelas janelas destrancadas e tortas
mãos carinhosamente te darão murros.

Não suportarás mais
o silêncio,
pois através dele é que ouvirás
tua solidão.

Então celebrarás a vida
bêbado
em locais barulhentos
e cheios de estranhos.

Terás um sono agitado
e um emprego inútil e sofisticado
que te mantenha pobre, ocupado, vendado
e preocupado
por poder facilmente ser substituído ou dispensado.

Eu te amaldiçôo:
não lembrarás de teus sonhos!

Buscarás sempre
o que não tens
e nunca terás
o que buscas.

Eu te condeno
a fugir para sempre
da vida!

E quando, extenuado,
estenderes a mão
e pedires perdão
Deus e eu cuspiremos em tua face.

III.

O meu sonho
foi bem grande:
em minha casa

em minha cama
estava Anne.

E minha felicidade radiava...

Não porque Anne estava,
mas porque Anne chorava...

Biografia

Retirado do PD-Suplementos / Sábado com você de 24/11/2001, com atualizações

"Nada é para sempre,
exceto sua alma."

FABIO José Alfredo Santos da ROCHA vive no Rio de Janeiro, onde nasceu, em 04 de junho de 1976. Cursou Engenharia Elétrica na Universidade Federal do Rio de Janeiro (mas não concluiu o curso) e se formou em Administração de Empresas na Universidade do Estado do Rio de Janeiro. FABIO é FABIO mesmo — como MARIO, o Quintana, é MARIO — sem acento, o que ele explica em versos:

ESCOLHA

A Drummond

O meu Fábio é Fabio.
Nem nasci, tropeçavam em mim.

Tive então duas escolhas:
Ser pedra ou poeta.

Fora isso, é muito pouco o que ele diz de si mesmo:

"Quanto a falar de mim, é a parte mais difícil (sorri, disfarçando). Acho que comecei a escrever por dois motivos: sempre gostei demais de ler e admirava os escritores (de prosa ou verso) que conseguem transmitir pros leitores algo que inspire, emocione ou faça pensar. O outro motivo é que falo pouco (sorri, certo de que está justificado). Então, alguns anos depois de começar a escrever poemas, comecei a fuçar na Internet e aprendi a fazer páginas. E como não tinha nada melhor para colocar na homepage, pus uns poemas. Eu não esperava, mas deu certo. Hoje já são mais de 350 mil visitantes e o site ganhou vários prêmios. Foi isso que me estimulou a escrever mais e participar de concursos. Também tive várias surpresas boas e conheci pessoas maravilhosas e cheias de talento, graças a ele. Pessoas que, infelizmente, a mídia em geral não mostra, mas que estão a apenas um clique de distância".

Deu certo mesmo. Ao longo de um tempo historicamente curto — ele começou a escrever em 1994, aos 18 anos de idade — FABIO ROCHA publicou vários livros e juntou um monte de premiações em concursos. Seus poemas estão nos seus livros (de papel e eletrônicos), em vários sites de língua portuguesa, são notícia de jornal e até andam de ônibus. Como foi o caso do seu poema "A Magia da Poesia" que circulou no *Busdoor* colocado na traseira dos veículos de Blumenau, no período de outubro a dezembro de 2000. Foi este poema que deu nome ao seu primeiro livro, publicado em janeiro de 2001. Depois, vieram mais cinco, eletrônicos — "Tudo Pelos Ares" (março de 2001), "Na Medida do Impossível" (agosto de 2001), "PraLarvas" (2002), "Vice-Rei" (2002) e "Caminho a Manhã" (2003) — todos disponíveis para leitura no seu site pessoal. É lá que o leitor vai conhecer o máximo que o poeta fala de si:

<http://www.fabiorocha.com.br>

Fortuna Crítica

“Fabio, síntese perfeita, brilhante.”

Affonso Romano de Sant’Anna (sobre o poema “Gêmea Estupidez”)

“Siga em frente. Você leva jeito. Em certos momentos tende a bastante ceticismo, um certo desencanto.”

Italo Moriconi (por email)

“Poemas breves, em sua maioria, utilizando-se de fragmentos de vida, transformando-os em magnetos para o deleite e atenção do leitor.”

Rosa Clement (prefácio do livro “A Magia da Poesia”)

“A poesia surge das suas inquietações, da sua acurada observação do tempo e espaço que habita e não o rigor frígido de poemas laboriosamente lapidados em laboratórios de dissecação filológica.”

Fred Matos (prefácio do livro “Tudo Pelos Ares”)

“Não há na sua dicção o soturno canto nihilista, o peso do pesar, o hermetismo simbolista, a exaltação dramática. Também não há, e isso me parece importante frisar, aquele tom um tanto cínico que tem marcado a produção contemporânea mais recente. Em resumo: nem exaltação, nem frieza. Um olhar diferente, especial. E isso, acredite, não é pouco e, igualmente, é muito raro.”

Ricardo Alfaya (prosa de abertura do livro “Tudo Pelos Ares”)

“O cuidado com as palavras não precisa de guia. Fabio é seu próprio guia.”

Felipe de Paula (prefácio do livro “PraLarvas”)

“Em Fabio, percebe-se que há um trabalho em constante evolução e seus poemas se fecham no círculo necessário a qualquer projeto. Ele sabe terminar um poema. Eles acabam em si. Eis o ponto crucial de Fabio, o que o singulariza.”

Elaine Pauvolid (prefácio do livro “Vice-Rei”)

“Fabio Rocha é na poesia contemporânea um fabuloso exemplo de como podemos encurtar o verso sem perder a poesia. Com seu incrível poder de síntese, vai sugando nos dias que correm as metáforas que passam despercebidas aos olhos daqueles que não param para observar um pouco além do óbvio.”

Rodolfo Muanis (prefácio do livro “Caminho a manhã”)

“Seus poemas são de ótima qualidade. Foi um prazer lê-los e conhecer um pouco sobre você. Gostei muito, principalmente dos filosóficos.”

Tanussi Cardoso (registro no livro de visitas do site <http://www.fabiorocha.com.br>)

Contato

Caro leitor,

Obrigado por ler este meu trabalho gratuito. Peço apenas que entre em contato para dizer o que achou, e sinta-se livre para espalhar este ebook para seus amigos (se gostou) e inimigos (se não gostou). ☺

Mantenho meus emails e telefones atualizados no meu site pessoal, assim como outros ebooks:

<http://www.fabiorocha.com.br>